



TÚNEL MORFOLÓGICO: POLISSEMIA, ALOMORFIA, SINMORFISMO E DOUBLETES NO PORTUGUÊS ARCAICO E NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

MORPHOLOGICAL TUNNEL: POLYSEMY, ALLOMORPHY,
SYNMORPHISM AND DOUBLETES IN THE ARCHAIC
PORTUGUESE AND IN THE BRAZILIAN PORTUGUESE

Natival Almeida Simões Neto¹
Universidade Federal da Bahia / FAPESB

Juliana Soledade²
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Este trabalho pretende analisar as relações de polissemia, sinmorfismo, alomorfia e doublets com dados obtidos em pesquisas dialetológicas sobre a variação lexical no português brasileiro contemporâneo e estabelecer comparações com os estudos sistemáticos de Soledade (2001, 2005) sobre a sufixação no português arcaico, com a intenção de: i) observar a viabilidade de estudar a variação morfológica na dialetologia; e ii) discutir a herança morfossemântica e lexical do português arcaico para o português contemporâneo, fazendo uma viagem ao passado para explicar fatos do presente e aproximando dois recortes sincrônicos sobre a língua portuguesa de épocas muito distintas.

Palavras-Chave: Morfologia Lexical ; Derivação Sufixal; Variação linguística; Historia da Língua Portuguesa

¹ Bolsista de Mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).
nativallneto@gmail.com

² julisoledade@gmail.com

Abstract: *This paper aims to analyze the relations of polysemy, symmorphisms, allomorphy and morphological doublets with data from dialectological studies about the lexical variation in contemporary Brazilian Portuguese by establishing comparisons with the systematic studies by Soledade (2001, 2005) about the suffixing in the Archaic Portuguese, with the following goals: i) to observe the feasibility study of the morphological variation in dialectology; and ii) to discuss the morphosemantic and lexical heritage from Archaic Portuguese to contemporary Brazilian Portuguese, making a voyage to the past to explain the facts of the present, approaching two synchronic works about the Portuguese language in very distinct times.*

Key-Words: *Lexical Morphology; Suffixed Derivation; Linguistic Variation; History of Portuguese Language.*

INTRODUÇÃO

Autores como Gabas Jr. (2001), Faraco (2005) e Martin (2006) consideram a Linguística Histórica (LH) como o campo da Linguística que investiga as mudanças nas línguas humanas em seus variados níveis. Mattos e Silva (2008), no entanto, prefere considerar que a LH seja um campo interdisciplinar que trabalha com fontes (dados datados e localizados), investigando a mudança propriamente dita ou contribuindo com descrições que permitam entender a mudança em outro momento. Partindo das compreensões de Eugenio Coseriu, de que descrição e história caminham juntas no trabalho da LH, e de Michel Foucault, de que a história dos homens não é uma duração, e sim uma mescla de tempos que se entrelaçam, Mattos e Silva (2008) divide a LH em duas vertentes: a *stricto sensu* e a *lato sensu*.

A primeira vertente (*stricto sensu*) se interessa pela mudança propriamente dita, admitindo uma perspectiva *diacrônica associal*, que engloba o estruturalismo e o gerativismo diacrônicos, levando em conta apenas fatores intrassistêmicos e a perspectiva *sócio-histórica*, que combina os elementos intralinguísticos com a história social dos falantes das línguas, na medida em que se compreende a língua como um produto humano, social e cultural. Assim, se as sociedades mudam, as línguas também mudam. Essa é a premissa assumida pelos trabalhos desenvolvidos com o arcabouço teórico da Sociolinguística laboviana da variação e da mudança.

A segunda vertente (*lato sensu*) descreve, sob qualquer perspectiva teórica, dados datados e localizados, não tendo a mudança como foco de observação. Isso acontece nos estudos desenvolvidos na Análise do Discurso, na Linguística Textual e na Etnolinguística. Outros exemplos de trabalhos *lato*

sensu são os desenvolvidos pela Dialetoologia, que, segundo Silva-Córvalan (1988), não tem a mudança como preocupação, destinando-se a traçar zonas geográficas na descrição de usos linguísticos, especialmente em comunidades rurais, onde são esperadas variedades mais puras da língua, sem influência de contatos com outras variedades urbanas. Por fim, encaixam-se também na vertente *lato* as descrições feitas sobre o português arcaico, como *Estruturas trecentistas* (1989) e *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe* (2006), ambos de Mattos e Silva.

Apesar de não investigarem a mudança em si, essas descrições *lato sensu*, sejam do português arcaico, sejam do português brasileiro, fornecem bases para a compreensão de uma língua histórica em permanente dinâmica de mudança e sistematização. Assim, como destaca Mattos e Silva (1991, 2006), a observação da língua em épocas recuadas não só pode recuperar surpresas que os dados do presente sugerem, mas também mostrar que, na trajetória de uma língua, há uma dinâmica de fenômenos que acontecem repetidamente. De outro lado, Kato (1993), leitora de Tarallo (1990), comenta que os dados do presente podem ajudar a entender o que aconteceu no passado. Tudo isso contribui para o entendimento de que as descrições *lato sensu* de recortes diferentes podem se apresentar como extremos de um túnel³ em que passado e presente se mostram interconectados.

Neste artigo, intenta-se uma comparação entre a língua portuguesa arcaica e a contemporânea, no que tange à morfologia derivacional, destacando-se principalmente as relações de polissemia, alomorfia, sinmorfismo e formas duplas (*doublets*), vistas a partir de Soledade (2001, 2005, 2013). Aqui, o funcionamento dos sufixos realizados no português brasileiro, obtidos por meio de das pesquisas dialetológicas e da publicação dos atlas linguísticos brasileiros, é confrontado com os dados encontrados por Soledade (2001, 2005) sobre a sufixação nominal no português arcaico.

A partir daqui, o trabalho se estrutura da seguinte maneira: na seção 1, é apresentado um breve panorama da sufixação no período arcaico com base nos trabalhos de Soledade (2001, 2005, 2013) e as relações de alomorfia, sinmorfismo e de *doublets*. Na seção 2, é feito o confronto entre os dados obtidos nos atlas linguísticos e os do período arcaico. Na última seção, são feitas as considerações finais e seguem-nas as referências.

³ A metáfora do túnel aparece recorrentemente na obra *Tempos linguísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa*, de Fernando Tarallo (1990). O título deste artigo é, pois, uma alusão às reflexões do autor.

1 A MORFOLOGIA SUFIXAL NO PERÍODO ARCAICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

O chamado português arcaico, segundo Mattos e Silva (2006), abarca o período da língua que vai do século XIII ao século XV. A autora chama à atenção, no entanto, para o fato de que toda proposta de periodização histórica é arbitrária e está condicionada pelos princípios que estão na base dessa proposta. É consensual entre os estudiosos que esse período se inicia no século XIII, com os primeiros registros de escrita em língua portuguesa. Quanto ao seu final, no entanto, não se chega a um consenso se termina na segunda metade do século XV ou na primeira do século XVI.

A respeito da morfologia no português arcaico e mais precisamente da sufixação, destacam-se os trabalhos empreendidos por Soledade (2001, 2005, 2013). Nesses trabalhos, a autora descreveu os sufixos quanto aos seus aspectos gramaticais, delimitando os processos de formação com esse ou aquele sufixo e, quanto aos aspectos semânticos, identificou as paráfrases cabíveis para cada um, não se preocupando com mudanças morfológicas ou semânticas que aconteceram no percurso histórico desses sufixos, mas, quando cabível, a autora estabeleceu a correspondência entre o sufixo no português arcaico e no português contemporâneo. Na observação desses morfemas, Soledade (2001, 2005, 2013) constata quatro importantes relações morfolexicais entre os sufixos: *alomorfia*, *sinmorfismo* e *doublets*.

Soledade (2001, 2005) observa que a alomorfia é um fenômeno que muita interessa a quem trabalha com morfologia em perspectiva histórica e, retomando os trabalhos de Câmara Jr. (1970, 1971, 1975) e Elson e Picket (1973), propõe que os alomorfes sejam variantes fônicas de uma mesma unidade mórfica que apresentem a mesma etimologia, o mesmo valor linguístico e estejam em distribuição complementar. Com sufixos, exemplos de alomorfia acontecem com *-ário* e *-eiro*, *-tor* e *-dor*, *-ês* e *-ense* e *-douro* e *-tório*. No par *-ário* e *-eiro*, os dois sufixos são oriundos do *-arius* latino, e podem apresentar uma mesma acepção, a agentiva, e estão em distribuição complementar, uma vez que se um deles se realiza com uma base, o outro tende a não se realizar: *carteiro* (*carta* + *eiro*), aparentemente, dispensa a existência de **cartário* (*cartário*), assim como *empresário* (*empresa* + *ário*) dispensa **empreseiro* (*empresa* + *eiro*). No par *-tor* e *-dor*, ambos advindos do latim *-toris*, observa-se que há *medidor* e *auditor*, que restringem **meditor* e **audidor*. O mesmo ocorre no par *-ês* e *-ense*, ambos resultantes do *-ensis* latino formam gentílicos, como *francês* (*França* + *ês*),

holandês (*Holanda* + *ês*), *parisiense* (*Paris* + *ense*), *amazonense* (*Amazonas* + *ense*), que restringem a realização de **holandense*, **parisês* e **amazonês*. Por fim, *-douro* e *-tório*, oriundos do *-torius* latino, podem veicular a informação de *locativo*, como em *dormitório* (*dormir* + *tório*), *consultório* (*consultar* + *tório*), *matadouro* (*matar* + *douro*) e *secadouro* (*secar* + *douro*), que também restringem **dormidouro*, **consuldouro*, **matatório* e **secatório*.

A relação de alomorfia, ao que parece, é estabelecida entre um morfema que sofreu processos fonológicos já conhecidos na passagem da língua de origem (nesses casos, latim) para uma língua de destino (português) e outro que se realiza como um descendente mais direto da forma etimológica, que normalmente entra por uma via mais erudita. No português arcaico, importa comparar esses alomorfes, observando se os descendentes diretos do latim criaram novas palavras ou se somente as herdaram do latim e se estenderam as suas redes de significação com a mesma produtividade que as formas que sofreram mais alterações em seu corpo fônico. Entretanto, cabe discutir quais os limites de uma alomorfia. É pertinente questionar se uma variação fonológica, decorrente de uma sonorização, como em *-tor* e *-dor*, pode ser classificada da mesma maneira como acontece em *-ário* e *-eiro* ou *-douro* e *-tório*, em que se verificam mais processos fonológicos. A variação no corpo fônico, o étimo e a distribuição complementar são critérios suficientes para determinar uma relação de alomorfia? Mais testes são necessários.

Um segundo fenômeno observado por Soledade (2001, 2005, 2013) é o do sinmorfismo. Diferentemente da alomorfia, esse fenômeno envolve sufixos de étimos diferentes, com corpos fônicos distintos, que geralmente estão em um mesmo contexto formativo, apresentam um valor linguístico aproximado e tendem a estar em distribuição complementar. É, segundo a autora, uma espécie de sinonímia que acontece no nível dos afixos e pode ser sistemático ou parcial. O sistemático é aquele em que todas as noções veiculadas por um sufixo estão presentes no seu *sinmorfe*, como acontece com *-ção* (do latim *-tion*) e *-mento* (do latim *-mentu*). No português arcaico, para a noção de *ato ou efeito de uma ação X*, encontram-se formas como *informação* (*informar* + *ção*), *coroação* (*coroar* + *ção*), *petição* (*pedir* + *ção*), *esquecimento* (*esquecer* + *mento*), *pensamento* (*pensar* + *mento*) e *tratamento* (*tratar* + *mento*). A realização de *informação* restringe **informamento*, assim como *pensamento* restringe **pensação*.

Diferentemente disso, sufixos como *-ada* (do latim *-atus;ata*) e *-edo* (do latim *-etu*) e *-aria* (do latim *-aria*) apresentam um sinmorfismo parcial, pois

compartilham a noção de *grande quantidade de X* em *dineirada* (*dinheiro + ada*) e *arvoredo* (*árvore + edo*), *pedraria* (*pedra + aria*), mas o *-edo* não apresenta, por exemplo, a noção de *período durativo de X*, que *-ada* veicula em *jornada* e *noitada*, assim como o *-ada* não apresenta o valor locativo de *lugar onde se faz X* que *-aria* apresenta em *padaria* e *confeitaria*. Isso demonstra que as redes polissêmicas de sufixos parcialmente sinmórficos não se estendem nas mesmas direções.

Outras relações de sinmorfismo no português arcaico destacadas por Soledade (2013) são observadas entre os sufixos *-oso* (do latim *-osus*) e *-ento*, (do latim *-entus*) que formam adjetivos a partir de bases substantivas com ideia de *provido ou cheio de X*, como em *fedorento* (*fedor + ento*), *bolorento* (*bolor + ento*), *saboroso* (*sabor + oso*) e *odorosas* (*odor + oso*). Nesse caso, parece haver um importante aspecto quanto à natureza semântica das bases, uma vez que *-ento* parece selecionar bases com aspecto avaliado como negativo ou pejorativo. Adjetivadores sinmórficos com noção de *qualidade relativa a X* aparecem com *-ar* (do latim *-aris*) e *-al* (do latim *-alis*), em *mortal* (*morte + al*) e *vulgar* (*vulgo + ar*). Já *-ense/-ês* e *-ano* são sinmórficos para a formação de gentílico, como mostram *romano* (*Roma + ano*), *português* (*Portugal + ês*) e *portuense* (*Porto + ense*). Na formação de agentivos, aparecem *-dor* (do latim *-toris*), *-eiro* (do latim *-arius*) e *-nte* (do latim *-ntis*), com os exemplos de *guardador* (*guardar + dor*), *falseyro* (*falso + eiro*) e *combatentes* (*combater + nte*). Por fim, nas nominalizações com valor de *ato ou efeito de X*, além de *-ção* e *-mento*, aparecem como sinmorfe *-nça/-ncia* (do latim *-ntia*) em *entendença* (*entender + nça*) e *obediência* (*obedecer + ncia*), *-(a)co* (do latim *-atius*) em *canção* (*cansar + -aço*), *-a* (*mentira - mentir + a*) e *-o* (*estrago - estragar + o*).

Intimamente ligada ao sinmorfismo, está a ocorrência dos chamados *doublets* que, segundo Soledade (2013), são formas duplas observadas a partir de sinmórficos, quando a distribuição complementar não acontece. No português arcaico, aparecem algumas formas *doublets*, como *corregimento* e *correição*, *mercador* e *mercadeiro* e *sandez* e *sandice*. A existência dessas formas duplas não viola as premissas do sinmorfismo. Ao contrário, reforçam a ideia de que no domínio semântico da língua, essas duas formas estão disponíveis. De maneira geral, somente uma forma dos *doublets* do português arcaico se mantém na língua contemporânea. Por isso, *mercadeiro* e *sandez* já não se registram atualmente. Há casos de especialização semântica, quando uma das formas ganha outro sentido e não se faz concorrência entre elas, como acontece com *salvação* e *salvamento*, em que os vocábulos formados por sinmórficos que se

apresentaram como *doublets* no período arcaico já não apresentam relação de sinonímia, não se atestando o mesmo valor linguístico. Em linhas gerais, Soledade (2001) observa que

O sinmorfismo tem uma importante função no estudo diacrônico, pois a existência de morfemas sinmórficos e formas duplas, como vimos acima, está relacionada a mudanças linguísticas no decorrer da história da língua, não ocorrendo, em verdade, uma troca, mas sim a concorrência entre essas duas unidades lexicais, uma formada por um sufixo e outra por outro, apresentando o mesmo significado. Neste caso ocorre a seleção de uma das formas. Esse processo de seleção, a nosso ver, envolve fatores mais sociais que propriamente linguísticos. (SOLEDADE, 2001, p. 84)

A fim de compreender a continuidade histórica das relações destacadas, faz-se necessário observar quais são as situações desses sufixos na língua portuguesa contemporânea, considerando que, provavelmente, houve mudanças semânticas nas acepções desses sufixos e que outros elementos entraram na língua depois do período arcaico e acabaram por apresentar mais possibilidades para a formação de palavras derivadas recobrando um mesmo conceito.

Isso será feito na próxima seção, valendo-se de dados obtidos na apuração dialetológica acerca do léxico, a partir da escolha de algumas cartas isoléxicas de dez atlas linguísticos publicados no Brasil, a saber⁴: Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)⁵, Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)⁶, Atlas Linguístico de Sergipe I (ALS I)⁷, Atlas Linguístico do Paraná I (ALPR I)⁸, Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II)⁹, Atlas Linguístico do Amazonas (ALMS)¹⁰, Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS)¹¹ e Atlas Linguístico do Paraná II (ALPR II)¹² e Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)¹³.

⁴ Por uma questão de organização, optou-se por se referir aos atlas pelos nomes ou siglas que os identificam. Os autores dos atlas mencionados aparecem nas referências.

⁵ Autor: Zágari (1977)

⁶ Autoras: Aragão e Menezes (1984)

⁷ Autores: Ferreira *et al* (1987)

⁸ Autora: Aguilera (1990)

⁹ Autora: Cardoso (2002)

¹⁰ Autora: Cruz (2004)

¹¹ Organizador: Oliveira (2007)

¹² Autora: Altino (2007)

¹³ Autoras: Cardoso *et al* (2014)

2 O QUE DIZEM OS ATLAS LINGUÍSTICOS BRASILEIROS?

Para a análise dos dados, foram consideradas as respostas obtidas por meio das cartas linguísticas resultantes dos questionários semântico-lexicais dos atlas já mencionados. Nesse tipo de questionário, segundo Ferreira e Cardoso (1994), busca-se encontrar formas lexicais que recubram um mesmo conceito. Num primeiro momento, foi feita uma seleção de cartas que aparentemente favorecessem o aparecimento da derivação. Por exemplo, uma carta que envolva a variação para *tangerina* não favorece a derivação sufixal, pois não há no quadro de sufixos um que dê conta da entidade *fruta*. A variação obtida nessa pergunta está no escopo do léxico, mas não da morfologia. Isso é diferente de uma pergunta que parta do conceito de *pessoa que trabalha na roça*, em que há uma gama de sufixos que dão a informação agentiva, como são *-dor*, *-eiro* e *-ista*.

Num segundo momento, foi feita uma equiparação entre as diferentes cartas dos atlas¹⁴, baseando-se no campo temático e na informação fornecida por essas cartas. Por exemplo, para a variação de *nevoeiro*, são equivalentes ou correspondentes: a carta 12 do APFB, as cartas 10, 11, 49, 51 e 52 do EALMG, a carta 12 do ALS I, as cartas 33, 101 e 151 do ALPR I, a carta 13 do ALAM, a carta 032 do ALMS e a carta L03 do ALiB. Cumpre mencionar que a análise aqui empreendida não necessariamente tomará por base cartas equivalentes, até porque algumas delas apresentam produtiva derivação, mas não encontram correspondência em outro atlas. O que está sendo observado inicialmente é a capacidade de sufixos diferentes (do ponto de vista formal e/ou do ponto de vista etimológico) recobrirem um mesmo conceito (sinmorfismo e alomorfia) e, em segundo plano, se há ocorrência de variação puramente morfolexical, com sufixos diferentes operando sobre uma mesma base, como acontece com os *doublets*, sempre contrastando com os dados do português arcaico destacados por Soledade (2001, 2005, 2013). Feito isso, chegou-se a um total de 167 palavras derivadas por sufixação e os 30 sufixos realizados estão dispostos na Tabela 1 em ordem de recorrência:

¹⁴ A Prof^a Dr^a Silvana Ribeiro (UFBA), integrante do Projeto ALiB forneceu um modelo de equiparação que é utilizado nas aulas das disciplinas da área de Dialectologia, que são oferecidas aos estudantes de graduação da UFBA para que façam trabalhos de âmbito fonético-fonológico e léxico-semântico.

Sufixos	Quantidade de ocorrências	Sufixos	Quantidade de ocorrências
<i>-eiro</i>	60	<i>-vel</i>	2
<i>-oso</i>	12	<i>-a</i>	2
<i>-dor</i>	12	<i>-ura</i>	2
<i>-o</i>	11	<i>-ista</i>	2
<i>-ção</i>	10	<i>-eza</i>	2
<i>-ado</i>	7	<i>-or</i>	2
<i>-mento</i>	6	<i>-são</i>	2
<i>-ão1¹⁵</i>	5	<i>-tório</i>	1
<i>-ento</i>	5	<i>-eria</i>	1
<i>-ária</i>	4	<i>-dade</i>	1
<i>-ada</i>	3	<i>-inha</i>	1
<i>-al</i>	3	<i>-ncia</i>	1
<i>-nte</i>	3	<i>-e</i>	1
<i>-udo</i>	3	<i>-ão2</i>	1
<i>-ário</i>	2	<i>-ena</i>	1

Tabela 1: Ocorrências de sufixos nos atlas

A respeito dos aspectos semânticos, os sufixos apresentaram noções que foram apresentadas conforme o modelo XXX inspirado em Rio-Torto (1998) e seguido pelo Grupo de Morfologia Histórica (USP), como visto em Viaro et al (2013)¹⁶. Os significados atestados foram 8: (i) agentes profissionais (AGP); (ii) agentes habituais (AGH); (iii) locativos (LOC); (iv) excesso, intensidade ou grande quantidade (EXC); (v) período de tempo (PER); (vi) adjetivo com valor de provimento ou posse intensiva (PRO); (vii) ato, efeito, processo ou resultado (AEP); e (viii) qualidade, estado ou condição (QEC). Para a verificação do sinmorfismo entre esses sufixos, criou-se, com base nos dados, o Quadro 1, que se baseia no modelo de oposição de traços sêmicos, muito comum nos trabalhos da Semântica Lexical.

¹⁵ O uso de *-ão1* e *-ão2* se justifica pelo fato de haver uma homonímia entre o *-ão1*, oriundo do latim *-anus*, que deu os alomorfes *-ão* e *-ano* em português, e o *-ão2*, oriundo do latim *-onis*, que deu origem ao *-ão* e ao *-ção* em português.

¹⁶ "Uma vez feita a paráfrase da palavra em questão, e posteriormente, estabelecidas as descrições parafrásticas mais abstratas, é possível agrupar em categorias semânticas específicas. O grupo optou por um código trilitere de tipo XXX, inspirado em Rio-Torto, aplicável também para prefixos (...)" (Viaro et al, p. 23).

Sufixo	AGP	AGH	LOC	EXC	PER	PRO	AEP	QEC
-a	-	-	-	-	-	-	+	-
-ada	-	-	-	+	+	-	-	-
-(a)do	+	+	-	-	-	+	-	-
-al	-	-	+	+	-	-	-	-
-ão1	+	+	-	-	-	-	-	-
-ão2	-	-	-	-	-	-	+	-
-ária	-	-	+	-	-	-	-	+
-ário	+	+	-	-	-	-	-	-
-ção	-	-	+	-	-	-	+	-
-dade	-	-	-	-	-	-	-	+
-dor	+	+	+	-	-	-	-	-
-e	-	-	-	-	-	-	+	-
-eiro	+	+	+	+	-	-	-	+
-ena	-	-	-	-	+	-	-	-
-ento	-	+	-	-	-	+	-	-
-eria	-	-	+	-	-	-	-	-
-eza	-	-	-	-	-	-	-	+
-inha	-	+	-	-	-	-	-	-
-ista	+	-	-	-	-	-	-	-
-mento	-	-	+	-	-	-	+	-
-ncia	-	-	-	-	-	-	+	-
-nte	+	+	-	-	-	-	-	-
-o	-	-	-	-	-	-	+	-
-or	+	-	-	-	-	-	-	-
-oso	-	+	-	-	-	+	-	-
-são	-	-	-	-	-	-	+	-
-tório	-	-	+	-	-	-	-	-
-udo	-	-	-	-	-	+	-	-
-ura	-	-	-	-	-	-	-	+
-vel	-	-	-	-	-	+	-	-

Quadro 1: Distribuição semântica dos sufixos nos atlas

O Quadro 1 permite visualizar não só as relações de sinmorfismo entre os sufixos, mas também a polissemia desses. Nota-se que o sufixo *-eiro* apresenta maior número de acepções, o que, de certa forma, permite estabelecer alguma relação entre a produtividade e a polissemia, considerando que o *-eiro*

foi o sufixo mais recorrente nos dados. Ao que parece, quanto mais produtivo é o sufixo, mais polissêmico o seu comportamento semântico e, quanto mais polissêmico, maior a sua possibilidade de estabelecer relações de *sinmorfismo* com outros sufixos.

2.1 Nominalizadores com noção de ato, efeito, processo ou resultado.

Os nominalizadores dizem respeito a sufixos formadores de nomes e, segundo Rio-Torto *et al* (2013), podem ser de três tipos: *deadjetivais* (que se formam a partir de adjetivos, como *-(i)dade*, em *feliz – felicidade ; ruim - ruindade*), *denominais* (os não transcategorizadores que se originam de um nome, como *–eiro*, em *livro – livreiro ; galinha – galinheiro*) e os *deverbais* (que se formam a partir de verbos, como *–dor*, *secar – secador; provar – provador*). Desse último tipo, há outros exemplos como *–ção*, *–mento*, *–ncia* ¹⁷ *–nça*, que veiculam a noção de ato, efeito, processo ou resultado de uma ação expressa pela base verbal, como em *contratação*, *levantamento* e *mudança*.

Soledade (2004, 2013) considera ainda a existência dos morfemas monovocálicos *–a*, *–e*, *–o* que também veiculam essa noção. São casos de verbos convertidos para a classe do substantivo, por exemplo, os substantivos *abandono*, *venda*, *abate* e *ataque*.

No português arcaico, os sufixos *–ção* e *–mento* se mostram bastante produtivos, havendo mais ocorrência de nomes com *–mento*, como constataram Soledade (2001, 2005) e Rio-Torto (2012), a partir de dados como *modificaçom*, *exposiçon*, *tingimento*, *tyramento*. São notáveis também alguns casos de *doublets* como *corregimento* e *correição* e *partimento* e *partiçon*. O sufixo *–nça* ~ *–ncia*, por sua vez, apresentou sempre menor ocorrência nas duas metades do período arcaico, se comparado aos dois sufixos anteriores e registra formas como *crreença*, *ensinança* e *vengança*. Por fim, os morfemas zero apareceram em *ajuda*, *albergue*, *engano*, *ganho* e *perda*.

Nos dados dos atlas, o sufixo *–ção* se mostrou mais recorrente que o *–mento*, o que corrobora a constatação de Rocha (1999) de que esse é o nominalizador mais produtivo na língua contemporânea, ainda mais se considerados os seus alomorfes *–são* e *–ão*². Entre as formas em *–ção* ~ *–são* ~ *–*

¹⁷ A realização do símbolo (~) é vista em Soledade (2013) para indicar algum tipo de equivalência, seja entre alomorfes, sinmórficos, doublets ou grafias diferentes de uma mesma palavra. Esse procedimento foi mantido neste trabalho.

ão2, estão *cerração* (EALMG, ALPR I, ALAM, ALMS e ALiB), *inundação* (ALAM), *alagação* (ALAM), *menstruação* (ALPB, ALS I), *dilatação* (ALMS), *plantação* ~ *plantasão* ~ *prantação* ~ *prantasão* (APFB, ALS I), *prisão* (ALAM), *ilusão* ~ *elusão* ~ *luzão* (APFB) e *abusão* ~ *busão* (APFB). Entre as formas em *-mento*, ocorreram *regulamentu* (APFB), *passamentu* (ALMS) e *sofrimentu* (ALMS). O sufixo *-nça* ~ *-ncia* apareceu somente em *convalescência* (ALMS).

Entre os morfemas monovocálicos, com o *-o*, foram registradas 11 ocorrências, como *almoço* (ALS II), *entoju* ~ *antoju* ~ *intoju* (APFB, ALS I), *abortu* ~ *aborto* ~ *abordu* (APFB, ALS I, ALPR II), *injôu* (ALMS), *arremesso* (ALS II), *vômito* ~ *gumito* (ALS II, ALPR II), *trabalhu* ~ *trabaiu* (ALMS) e *dispachu* (ALMS). O morfema *-a* foi encontrado em *perca* ~ *perda* (APFB, ALS I, ALPR II) e *janta* (ALS II). A forma *-e* apareceu em *resguardi* (ALMS).

Dentro desse grupo, ocorreram três situações de *doublets*. A primeira entre os sinmorfs *-ção* e *-mento* em *ressecamentu* (ALMS) e *ressecação* (ALMS), a segunda entre os alomorfes *-o* e *-e* em *resguardu* (ALMS) e *resguardi* (ALMS) e a última entre o *-o* e *-mento*, com *alojo* (ALS II) e *alojamentu* (ALMS). Entretanto, nesse caso, há uma especialização semântica, pois a forma em *-o* é variante de *vômito* e a forma em *-mento* é variante de *galpão*, portanto tem valor de lugar, o que fez com que *alojamento* fosse colocado nos dados de locativos na seção 3.4, e não como nominalizador.

2.2 Agentes profissionais

A categoria de *agentivos* envolve três desdobramentos polissêmicos: os agentes profissionais, os agentes habituais e os agentes vegetais. Os agentes profissionais, como a própria designação sugere, envolvem sujeitos que exercem uma profissão, um trabalho ou um ofício, como *padeiro*, *marceneiro*, *dentista*, *musicista*, *cobrador*, *professor*, *servente*, *atendente*, *entre outras*. Os habituais dizem respeito àqueles que se caracterizam por uma atividade feita habitualmente ou com muita frequência, sem que, necessariamente, receba o estatuto de profissão, como *cachaceiro*, *mentiroso*, *estelionatário*, *corredor*, *piadista*. Os vegetais agrupam as designações de plantas que produzem frutos ou flores: *mamoeiro*, *coqueiro*, *limoeiro*, *roseira*, *jasmineiro*.

Quanto aos profissionais, nos dados dos atlas, apareceram formações com sete sufixos: *-eiro*, *-dor*, *-ista*, *-ado*, *-nte*, *-ário* e *-or*. Com *-eiro*, são registradas formas, como *macaqueru* (APFB), *pataqueru* (APFB, ALS I), *roceru* ~

roceiro (APFB, ALAM), *renderu* (APFB), *jornaleru* (APFB), *inxaderu* (APFB, ALS I), *parteira* (ALPR I), *cargueiro* (ALS II), *lenheiro* (ALS II), *oleiro* ~ *oleireiro* ~ *olarieiro* (ALS II), *barredera* (APFB), *posseru* ~ *podderu* (ALMS), *grileru* ~ *guilheru* (ALMS), *rameira* (ALiB) e *rampeira* (ALiB). A forma divergente *-ário* registrou *operaru* ~ *perariu* (APFB). O paralelo entre as formas *-ário* e *-eiro*, ambas oriundas da forma latina *-arius*, permite visualizar que a forma *-eiro* parece ter atingido uma vitalidade muito maior que a forma direta *-ário*.

O *-ista* aparece em *cambista* (ALS II) e *diarista* (APFB, ALS I). Esse sufixo é bastante produtivo na formação de profissões no português brasileiro contemporâneo, sendo o principal concorrente direto do *-eiro*, pois, além da questão do significado lexical que ambos veiculam, ele compete quanto à sua regra de formação, pois, em ambos, o sufixo, normalmente, atua sobre bases substantivas, o que é diferente das formações em *-dor*, que, apesar de sinmórfico e bastante produtivo, tende a se formar a partir de bases verbais. Além disso, o paralelismo entre as formas em *-eiro* e *-ista* revela um esquema de aceitação social e nível de especialização das profissões, pois, normalmente, o *-ista* tende a formar profissões que exigem maior grau de especialização (*dentista*, *nutricionista*, *linguista*) e o *-eiro* tende a formar aquelas profissões que podem ser aprendidas por experiência (*lavadeira*, *vaqueiro*, *padeiro*). Obviamente, há exceções, como *engenheiro* e *frentista*, por exemplo. Nos dados aqui encontrados, esse paralelismo não existiu, pois não houve perguntas acerca de profissões que exigem maior nível de instrução, o que talvez justifique a ocorrência maior das formas em *-eiro* sobre as formas em *-ista*.

O já mencionado sufixo *-dor* apresenta as formas *lavrado* (APFB), *ganhadô* (APFB, ALS I), *semeador* (ALAM), *plantador* (ALAM) e *espalhador* (ALAM) e o seu alomorfe *-or* registrou *feitor* (ALS II). Concorrente direto de *-dor*, pois também opera sobre bases verbais, está o sufixo *-nte*, que registra as formas *entendente* (ALPR I), *assistente* ~ *sistente* (ALPR I). Ainda no âmbito das formações deverbais, aparecem mais dois sufixos: *-ado* e *-ão1*. O primeiro é realizado nas formas *empregado* (ALAM) e *alugadu* (ALS I) e o segundo aparece em *vendilhão* (ALS II). Sobre esses dois últimos sufixos, cumpre mencionar que as construções deverbais participiais em *-ado* seguem um percurso metonímico destacado por Basílio (2011), em que designamos um agente por uma característica, condição ou como nos exemplos, o tipo de vinculação empregatícia. Isso acontece também em formações como *criado* para designar o empregado doméstico. Quanto à forma em *-ão1*, *vendilhão*, é possível observar

que ela se forma a partir do verbo *vender*, mas há uma inserção do segmento fônico *-ilh-* que, ao que parece, tem valor opaco. Esse tipo de situação aparece também com a forma *falastrão*, em que o *-ão1* se une ao verbo *falar*, mas ocorre a inserção fonológica de *-str-*. A impressão de que esses segmentos nada acrescentam ao significado global da palavra advém de outras formas feitas por uma ligação direta entre base e sufixo, como *chorão* e *gritão* e parecem garantir o mesmo valor de significado.

Nos dados de Soledade (2001, 2005) sobre o português arcaico, não se verificam nem o sufixo *-ista* que, ao que parece, será introduzido na língua em período posterior, nem o sufixo participial *-ado* com esse valor. Dessa forma, os principais formadores de agentes profissionais eram *-eiro* e *-dor*, evidenciando uma relação histórica de sinmorfismo. O sufixo *-ão* apareceu em *tecellam*, *escrivão* e *guardião*. O sufixo *-eiro* apareceu em formas como *obreiro*, *marinheiro*, *messejeiro*, *ouvelleiro*, *peliteiro*, *vinheyro*, *couvilheira*, *armeiros*, *despenseiro* e a sua forma divergente, *-ário*, apareceu em *falsayro* ~ *falsário*, *vigário* ~ *vigayro* e *cartário* ~ *cartayro*. Já o *-dor* apareceu em formas como *laurador*, *cambyador*, *comendador*, *enqueredor*, *procurador*, *governador*, *emperador* e *servidor*. O seu alomorfe *-or* apareceu em *tintor*, *defensor*, *feytor* e *exsecutores*. O concorrente direto de *-dor*, em termos formais, o sufixo *-nte*, apareceu nas formas *mendigante* e *servente*, considerando-se a categoria de ocupações.

Registrou-se, no português arcaico, um caso de formas duplas com os sufixos *-dor* e *-eiro*, na realização de *mercador* e *mercadeiro*. Isso também aconteceu nos atlas, com os dados *plantador* (ALAM) e *plantadeira* (ALAM), o que reafirma o caráter histórico da proximidade entre os sufixos. Outras situações de *doublets* com agentes profissionais nos dados de Soledade (2001, 2005) aconteceram entre os seguintes: (i) *-dor* e *-or*, com as formas *cantor* e *cantador*; (ii) *-nte* e *-eiro*, com as formas *marinheiro* e *mareante*; (iii) *-ário* e *-eiro*, com as formas *falsário*, *falsayro* e *falseyro* (iv) *-dor*, *-eiro* e *-ão*, com as formas *tecedores*, *tecedeyras* e *tecellam*.

2.3 Agentes habituais

No grupo dos agentes habituais, os dados dos atlas registram vocábulos com os sufixos *-do*, *-ão1*, *-ário*, *-dor*, *-eiro*, *-ento*, *-inha*, *-or* e *-oso*. Entre as formações com *-(a)do*, estão *alcolizadu* (ALMS), *drogadu* (ALMS), *chapadu* (ALMS) e *imbregadu* (ALMS), indicando agentes que se caracterizam por frequentemente realizar a ação expressa pela base verbal. O prototípico

formador de aumentativos *-ão1* aparece em *brigalhão* (ALAM), *mexelão* ~ *mexilona* (ALMS), *bebão* (ALPB) e *beberrão* (ALAM). Sobre essas formas derivadas do verbo *beber*, cumpre destacar o valor facultativo do segmento de ligação *-err-*, pois as duas têm a mesma informação semântica, independente da realização desse no corpo da palavra. Já o prototípico formador de diminutivos *-inha* registrou *fominha* (ALPB).

Com o sufixo *-ário*, registrou-se a forma *usuraru* ~ *usurara* ~ *usurário* (APFB, ALS II). O seu divergente *-eiro*, por sua vez, se realizou de maneira bastante produtiva, em formações como *arteira* ~ *artera* ~ *arteiru* ~ *arteru* (ALMS, ALPB), *baguncera* (ALMS), *fofoqueiro* (ALAM), *fuxiqueiro* (ALAM), *encrenqueiro* (ALAM), *faladeira* (ALAM), *pixixeru* (APFB), *cachaceru* ~ *cachaceiro* (ALPB, ALMS), *caneiro* (ALPB), *cubaqueru* ~ *subaqueru* (APFB), *raizeru* (APFB), *macumberu* ~ *macomberu* (APFB, ALS I, ALMS), *candombezera* (ALS I) *mandingueru* (APFB), entre outras. O *-dor* apareceu em formações como *bebedor* (ALAM) e *invadidô* ~ *invadidor* (ALMS), e o seu alomorfe *-or* registrou *invasor* ~ *invasô* (ALMS). O sufixo *-ento*, com valor habitual, apareceu em *chameguenta* (ALPB), *mexelenta* (ALMS) e *baguncenta* (ALMS) e o *-oso*, seu concorrente mais direto, foi realizado em *artilosa* (ALPB), *trelosa* (ALPB), *boliçosa* (ALPB), *teimosa* (ALPB) e *traquinosa* (ALPB).

Quanto aos habituais do português arcaico, nos dados de Soledade (2001, 2005), há formações com os seguintes sufixos: (i) *-ado*, como *endiabrado*, *demoniado*; (ii) *-ão1*, como em *companhon*, *garganton*; (iii) *-ário*, como em *voluntarias* ~ *voluntario*; (iv) *-dor*, em *sabedor*, *fornigador*, *pecador*, *trabalhador*, *rogador*; (v) *-eiro*, em *companheiro* ~ *companheiro*, *ardeiro* ~ *arteiro*, *mentireiro*, *dereitureiro*; (vi) *-or*, como em *malfeitor* ~ *malfeytor*; e (vii) *-oso*, como em *arteyroso*, *choroso*, *enganoso*, *quereloso* e *goloso*. Não se verificou com o sufixo *-ento* no período arcaico a noção de agente habitual.

Em relação aos *doublets*, nos dados dos atlas, houve ocorrência entre os sufixos *-eiro* e *-oso*, com *arteira* ~ *artera* ~ *arteiru* ~ *arteru* (ALMS, ALPB) e *artilosa* (ALPB), o que também acontecia no português arcaico, segundo Soledade (2001, 2005), com os pares *mentireiro* e *mentiroso* e *justiceiro* e *justiçoso*.

Outro caso de *doublets*, no português brasileiro, acontece com os sufixos *-ento* e *-eiro*, em *baguncenta* (ALMS) e *baguncera* (ALMS), situação que não se verificou no português arcaico, pois o *-ento* não parecia veicular essa noção semântica. Isso invalida também a correspondência entre *-ento* e *-ão1*, que se registra com as *mexelão* ~ *mexilona* (ALMS) e *mexelenta* (ALMS). O sufixo *-ão1*

aparece com um *doublet* em *-dor*, no par entre *bebedor* (ALAM) e *bebão ~ beberrão* (ALPB, ALAM) no português contemporâneo, mas esse também não encontra correspondência no período medieval.

Nos dados de Soledade (2001, 2005), há um *doublet* entre as formas *-dor* e *-eiro*, com *sabedor* e *sabedeira* e *mentidor* e *mentideira*. Era muito típico no período arcaico que as formas em *-dor* realizassem o feminino com *-eira*, pois a forma flexiona *-dora* não parecia ocorrer no período. Em relação aos atlas, não foram encontrados *doublets* com esses sufixos quanto às noções habituais, mas eles são atestáveis no português brasileiro, como em *namorador* e *namoradeira*.

2.4 Locativos

O valor de locativo reúne uma gama de sufixos que apresentam algumas nuances que particularizam o uso de um ou outro, como *lugar onde se faz uma ação X* (*provador* – lugar onde se prova roupa), *lugar onde se vende ou fabrica X* (*livraria* – lugar onde vende livro; *doceria* – lugar onde se faz e/ou vende doce), *lugar onde há grande quantidade de X* (*cafezal* – lugar onde há muito café) e *recipiente onde se guarda X* (*lancheira* – lugar onde se guarda o lanche). Alguns outros ainda são processos metonímicos em que o valor locativo é resultado de uma ação ou processo, como em *estacionamento* e *coordenação* (de uma escola, por exemplo).

Nos dados dos atlas, destacam-se nesse grupo, os seguintes sufixos: *-al*, em *curral* (ALAM), *-ção*, em *repartiçõis* (ALMS), *-dor*, em *secadô* (ALS I), *-eiro*, em *viveiro* (ALAM), *tabuleiro* (ALAM), *tabaqueiro ~ tabaqueru* (APFB, ALPB, ALS I), *cativeiro* (ALAM), *chiqueiro ~ chiqueru* (ALS I, ALAM), *galinheiro ~ galinheru ~ kalinheru* (APFB, ALS I, ALPR II), *puleru* (APFB), *canteru* (APFB), *cantalera* (APFB, ALS I), *istaleru ~ estaleru* (APFB, ALS I), *-mento*, em *campamentu* (ALMS) e *alojamentu* (ALMS), e, por fim, *-tório*, em *dormitório* (ALS II).

Desses dados, cumpre mencionar a ocorrência dos pares *-eiro* e *-dor* e *-ção* e *-mento*, sufixos sinmórficos para as respectivas noções/funções de agentividade e nominalização, mas que estendem a sua rede de significados para outras áreas semânticas. Destaca-se também nesses dados, os *doublets* entre os alomorfes *-aria* e *-eria*, ocorrentes em *olaria* (ALS II) e *oleria* (ALS II).

Nos dados de Soledade (2001, 2005), excetuando-se *-al* e *-ção*, verificam-se todos esses sufixos com o valor locativo: *-aria ~ -eria* em *albergaria* e

enfermaria, *-dor* em *dormidor*, *-eiro* em *catiueyro* e *celeiro*, *-mento* em *alojamento* e *-tório* em *purgatorio* e *oratorio*.

2.5 Excesso, intensidade e grande quantidade

A noção de excesso, intensidade e grande quantidade nos dados dos atlas brasileiros é atuante com os sufixos *-ada*, *-eiro* e *-al*, que, à exceção do último, já apresentavam essa noção no período arcaico, como se observa em *dineirada*, *nuveado*, dados de Soledade (2001, 2005) e *cabeleira*, que ocorre na Carta de Pero Vaz de Caminha, e *nevoeiro*, que ocorre em uma cantiga de escárnio e mal dizer.

Nos dados dos atlas, com o sufixo *-ada*, há as formas *trovoada* (ALMS) e *nevoada* ~ *inuvuada* (APFB, ALAM) e as formas sufixadas em *-al* são *temporal* (ALPB, ALAM) e *vendaval* (ALPR II). Já *-eiro* aparece em *cambuera* ~ *cambuero* (APFB), *poeira* (ALAM) e *neblineiro* (ALPB). Verifica-se a ocorrência de *doublets* entre os sufixos *-ada* e *-eiro* na derivação a partir da palavra base *névoa* com as formas *nevoada* ~ *inuvuada* (APFB, ALAM) e *nevoeiro* ~ *nivueru* (EALMG, ALPB, ALS I, ALAM, ALMS, ALiB).

2.6 Período de tempo

A noção de *período de tempo* é desempenhada pelos sufixos *-ada* e *-ena*. Com o primeiro, registra-se a forma *mesmada* (APFB) como variante para *menstruação*. A respeito dessa forma, lançam-se duas hipóteses: a primeira é de que seja derivada de *mês* com alteração fônica e, nesse sentido, relacionaram a menstruação a algo que ocorre todo mês. A segunda é de que derive de *mesmo*, indicando que é um período em que acontece sempre o *mesmo* fato. Formações em *-ada* com essa noção são vistas em *invernada* e *jornada*, que já existem no português arcaico, conforme os dados de Soledade (2001, 2005). Outras formações ainda em uso no português contemporâneo são *noitada* e *temporada*.

Com o sufixo *-ena*, é registrada a forma *quarentena* (ALMS) como variante de *resguardo*. O termo deriva de *quarenta*, podendo dar a ideia de período de *quarenta dias*. Outros exemplos desse tipo de formação são *quinzena* (*quinze dias*) e *trezena* (*treze dias*). Nos dados de Soledade (2001, 2005), não se destaca esse processo, mas *quarentena*, segundo Cunha (2007) data do século XIV, o que indica que já existia no período arcaico.

Nessa situação, o sinmorfismo é parcial, pois a rede polissêmica do sufixo *-ada* se expande para outras acepções que o *-ena* não alcança. Além disso, as bases que selecionam têm naturezas bastante distintas. Enquanto o *-ena* tende a selecionar *numerais* para essa formação, dando exatidão do período, o *-ada* seleciona variadas bases que não dão noção exata do tempo que o vocábulo em sua totalidade possa expressar.

2.7 Adjetivos com noção de provimento ou posse intensiva

Os adjetivos, segundo Basílio (2011), denotam qualidades e propriedades que se atribuem aos substantivos que predicam. Sobre o sufixo *-oso*, a autora observa que esse adiciona, à sua base, a noção de posse ou provimento, como em *valeroso*, *respeitoso* e *invejoso*. Essas noções também são veiculadas pelo sufixo *-ento*, em que se pese o fato de que esse normalmente imprime um traço pejorativo à formação, como *calorento*, *remelento*, *sarnento* e *gosmento*. O sufixo *-udo* também apresenta esse valor, mas normalmente associada a bases concretas, como partes do corpo, o que acontece em *barrigudo*, *cabeçudo*, *peitudo*. Já *-vel*, que prototipicamente forma adjetivos com noção de passível ou agente potencial de uma ação, pode, por vezes, dar a ideia de posse, como em *razoável*, indicando que possui algum nível de razão. Por fim, o sufixo *-(a)do*, típico formador de participípios (que flutuam como adjetivos), e *-ário*, típico formador de substantivos agentivos (que também flutuam como adjetivos) podem também apresentar a noção de provimento, como em *errado* e *arriscado* ou *voluptuário* e *temerário*.

Nos dados dos atlas, com essa noção, o sufixo *-oso* foi o mais recorrente, apresentando 7 formas: *reimoso* ~ *reimosa* (APFB), *desgostosa* (ALS II), *perigosa* ~ *pirigozu* (ALS I, ALPB), *temerozu* (APFB), *riskoza* ~ *arriskoza* (APFB), *fanhoso* (ALAM) e *invejoso* (ALMS). Os sufixos *-ento*, *-udo* e *-vel* registraram cada um duas formas com essa acepção: *avarentu* (APFB) e *uzurentu* (APFB); *peludu* ~ *peludu* ~ *peluda* ~ *peludus* (ALMS) e *cabeluda* ~ *cabiluda* ~ *cabiludu* (ALMS); *usuravi* ~ *zuravi* ~ *zuravei* (APFB, ALS I) e *miserável* (ALPB). Já *-ado* e *-ário* registraram uma forma cada: *riscadu* ~ *arriscadu* (APFB) e *usurário* ~ *usuraru* ~ *usurara* (APFB, ALPB).

Destacam-se nesses dados um caso de *doublet* envolvendo os sufixos *-ário*, *-ento* e *-vel* nas formações a partir da raiz de *usura* (*usurário* ~ *usuraru* ~ *usurara*; *uzurentu*; *usuravi* ~ *zuravi* ~ *zuravei*). Não se verifica, nos dados de Soledade (2001, 2005), nenhuma equivalência, até porque as formações

adjetivais com esses sufixos são bem poucas, mas, de maneira geral, os sufixos aqui destacados já apresentavam essa noção de provimento, como se vê nos dados em *barvudo* e *cabelludo*, *fremosa* e *humildoso*, *rraçoaveis* e *prazivees* e *fedorentos*.

2.8 Qualidade ou Estado

A noção abstrata de *qualidade, estado ou condição de quem é, está ou faz X* é veiculada, nos dados dos atlas brasileiros, por *-aria, -dade, -eiro, -eza* e *-ura*. O sufixo *-aria* aparece para as noções de *condição, ofício ou técnica de quem é ou faz algo*, em *bruxaria* (ALAM), *fetiçaria* (ALAM, ALMS) e *macumbaria* (ALAM, ALMS). A noção de *qualidade de quem é algo* é veiculada por *-dade* e *-eza*, que ocorrem em *maldadi* (ALMS), *malvadeza* (ALMS) e *fraqueza* (ALMS).

Os sufixos *-ura* e *-eiro* apresentam a noção de *estado de quem está algo* e ocorrem em *doublets* com as lexias *tontera* (ALMS) e *tontura* (ALMS). O sufixo *-ura* registra ainda *zonzura* (ALMS). Nos dados, não se verificou com esse último sufixo a noção de qualidade, como *feiura, doçura* e *amargura*, que, no uso da língua, aproxima-se bastante a *-eza* de *beleza, pobreza* e *pureza* e a *-idade ~ -dade* em *integridade, felicidade* e *bondade*.

No português arcaico, Soledade (2001, 2005) encontrou *igualdeza, madureza, ferocidade, torpidade, fremosura, falsura, agoiraria* e *jograria*. Com o sufixo *-eiro*, não se encontrou correspondência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou as relações morfolexicais de polissemia, alomorfia, sinmorfismo e *doublets*, com base em uma comparação entre dados do português arcaico e do português brasileiro, o que permitiu a compreensão da língua em sua essência histórica. A maioria das relações encontradas no português atual já se atestava no português arcaico e, da mesma forma, a maioria das relações que acontecia naquele período permanece na língua até hoje.

A respeito dos conceitos básicos de alomorfia e sinmorfismo que se orientavam para a noção de distribuição complementar, os dados mostraram que esse critério não é importante, pelo menos para a realidade dos sufixos, pois os *doublets* de palavras sufixadas foram bastante recorrentes, necessitando

que sejam feitas reconsiderações na postulação dos conceitos, o que, em parte, foi feito por Soledade (2013).

Quanto ao âmbito da dialetologia, verificou-se que a morfologia derivacional não é relevante para traçar zonas que marquem diferenças entre os dialetos e, além disso, a própria metodologia de constituição dos questionários não favorece uma oposição unicamente sufixal. Ao que se sabe, o Projeto ALiB tem abordado uma pergunta a respeito da *pessoa que nasce em Pernambuco* e, a partir dela, aparecem as formas duplas *pernambucano* e *pernambuquense*. Nesse caso, é possível que a discussão dialetológica atue sobre o aspecto derivativo e, ao que parece, somente as perguntas em que só obtenham *doublets* como respostas permitem esse tipo de abordagem. No geral, os dados obtidos através das pesquisas da dialetologia servem de abonação para discussão de temas como o sinmorfismo e alomorfia, o que foi feito aqui neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A.. *Atlas Linguístico do Paraná*. v1. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- ALTINO, F. C.. *Atlas Lingüístico do Paraná – II*. 2007. 223p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2 v.
- ARAGÃO, M. S. S.; MENEZES, C. P. B.. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq. Coordenação Editorial, 1984; v.1, 2.
- BASÍLIO, M. O papel da metonímia na morfologia lexical. In: *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 9, pp. 99-117, 2011.
- CÂMARA Jr., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- _____. *Problemas de linguística descritiva*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CARDOSO, S.. *Atlas Linguístico do Sergipe II*. Rio de Janeiro: S. A. M. de S. Cardoso, 2002, 2 v.
- _____. et al.. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina (PR): EDUEL, 2014, 212 p.
- CRUZ, M. L. C.. *Atlas Lingüístico do Amazonas*. Tese (Doutorado), Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. v. I e II.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- ELSON, B.; V. PICKETT. *Introdução à Morfologia e à Sintaxe*. Tradução de Aryon D. Rodrigues e outros. Petrópolis: Vozes, 1973.
- FARACO, C. A.. *Lingüística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

-
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FERREIRA, C. et al.. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA – Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- GABAS JR., N.. Linguística histórica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 77-103.
- KATO, M A. Apresentação: como, o que e por que escavar? In: ROBERTS, I.; KATO, M.. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp, 1993, p. 13-30.
- MARTIN, R.. *Para Entender a Linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.
- _____. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM, 1989.
- OLIVEIRA, D. P. (Org.). *ALMS – Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. 271p.
- RIO-TORTO, G. M.. Morfologia lexical no português médio: variação nos padrões de nominalização. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; et al. *ROSAE : Linguística Histórica, História das línguas e outras Histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 305-322.
- _____. *Morfologia derivacional: Teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998.
- _____. et al (Eds). *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- ROCHA, L. C. A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- _____. A nominalização no Português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 8, n.1, p. 5-52, 1999.
- ROSSI, N.; ISENSEE, D. M.; FERREIRA, C. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística: teoria y análisis*. Madrid: Alhambra Universidad, 1998.
- SOLEDADE, J. *Aspectos morfolexicais do português arcaico: sufixação nos séculos XIII e XIV*. 2001. 2 v. 400 p. Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- _____. O sinmorfismo e os doublets no português arcaico. In: MATTOS E SILVA, R. V.; OLIVEIRA, K. ; AMARANTE, J. *Várias navegações: português arcaico, português brasileiro, cultura escrita no Brasil, outros estudos*. Salvador: EDUFBA, 2013, p. 45-66.

_____. *Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. 2005. 2v. 575 p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TARALLO, F. *Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

VIARO, M. E *et al.* Em busca de um método de investigação para os fenômenos diacrônicos. In: VIARO, M. E. (Org.). *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2013, p. 11-30.

ZÁGARI, R. L. *et al.* *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.